



***Segunda Etapa***

**SEGUNDO DIA – 2ª ETAPA**

**PORTUGUÊS**

**COMISSÃO DE PROCESSOS  
SELETIVOS E TREINAMENTOS**



# PORTUGUÊS

## TEXTO 1

### Vida digital

Dentre as muitas coisas intrigantes, poucas há tão misteriosas quanto o tempo. A ironia é que mal nos damos conta disso. Estando desde o nascimento submetidos a uma mesma noção de tempo, aceita por todos à nossa volta, tendemos a achar que ela é a única que corresponde à realidade. Causa um grande choque saber que outras culturas têm formas diferentes de perceber o tempo e de representar o curso da história. Ainda assim, acreditamos que elas estão erradas e nós, certos. Ledo engano.

Historicamente, o tempo foi percebido de formas diferentes. Os gregos antigos tinham uma noção cíclica do tempo. Para eles, o tempo se iniciava com as prodigiosas eras de ouro e dos deuses, declinando depois, até chegar à crise final com a fraqueza e penúria da era dos homens, quando, então, se reiniciava o ciclo. Para os romanos, o tempo se enfraquecia na medida em que se afastava do mais sagrado dos eventos: a fundação de Roma. Na Idade Média, prevalecia o tempo recursivo, pelo qual os cristãos acreditavam percorrer uma via penitencial, desde a expulsão do Jardim do Éden até o retorno ao Paraíso.

Foi só com a consolidação do capitalismo, a partir do Renascimento, que passou a prevalecer uma noção de tempo quantitativo, dividido em unidades idênticas e vazias de qualquer conteúdo mítico, cujo símbolo máximo foi o relógio mecânico, com seu incansável tic-tac. Essa foi também a época em que a ciência e a técnica se tornaram preponderantes. Nesse contexto, o maior dos cientistas modernos, Sir. Isaac Newton, formalizou o conceito de tempo como sendo absoluto. Como pertencemos a esse tempo moderno, é ele que apreendemos, em casa, na escola e nos relógios ao redor. E achamos, como Newton, que ele é o único verdadeiro!

Mas o mundo moderno foi-se complicando, e esse conceito fixo e fechado se tornou cada vez menos satisfatório. De fato, o amplo conhecimento de outras culturas e as grandes transformações científicas forçaram a admitir que cada povo cria as noções de tempo que correspondam às suas formas e necessidades de vida.

O que é claro, no caso da cultura moderna, é que nossa percepção de tempo ficou coligada ao desenvolvimento tecnológico. Assim, dos moinhos de vento às caravelas, às ferrovias, aos veículos automotores, aos transatlânticos, aos aviões, ao cinema, ao rádio, e à tevê, sentimos um efeito de aceleração permanente. O último e mais dramático episódio nesta saga da aceleração foi assinalado pela Revolução da microeletrônica, a partir dos anos 70. Num repente, fomos invadidos por inúmeros prodígios técnicos: fax, bips, PCs, celulares, TVs a cabo, modems, *e-mail*... O aparato digital entrava em cena, em toda a sua multiplicidade de recursos.

Tudo parece convergir para tornar as comunicações mais rápidas, o trabalho mais produtivo, a vida mais fácil e para configurar uma nova concepção de tempo: um tempo extremamente célere, controlado, agora, pelo homem e suas tecnologias digitais.

(Nicolau Sevcenko. *IstoÉ*, Edição especial. Vida digital, 1999. Adaptado).

**01.** Acerca da idéia global desenvolvida no Texto 1, são pertinentes os seguintes comentários.

- 0-0) Fica evidente, no tratamento do tema, a mutação das concepções que, ao longo dos tempos, marca a visão de um determinado grupo.
- 1-1) Há uma rede de inter-relações: história, ciência, cultura, formas de linguagem, tudo converge para definir o perfil de vida do homem.
- 2-2) Paira sobre cada grupo social o risco do etnocentrismo cultural: nenhum outro grupo parece perceber tão bem o mundo como ele próprio.
- 3-3) Os conceitos que apreendemos em casa, na escola e em outros grupos sociais constituem um lastro cultural estável e irretocável.
- 4-4) O desenvolvimento tecnológico, sobretudo na era moderna, deixou imune os valores culturais vinculados à circulação das informações.

Resposta: VVVFF

Justificativa:

- 0-0) Verdadeiro. O texto reitera a idéia de que as concepções que constituem o patrimônio cultural de um povo, ao longo dos tempos, se alteram.
- 1-1) Verdadeiro. As representações que definem o perfil de vida do homem, em cada etapa de sua vida, são o resultado da rede de relações estabelecidas entre história, ciência, cultura e, inclusive, formas de linguagem. Somos "feitos" pelo social.
- 2-2) Verdadeiro. Somos todos sujeitos ao risco do etnocentrismo cultural: quase sempre interpretamos nosso modo de ver o mundo como o melhor de todos eles.
- 3-3) Falso. Nenhuma de nossas concepções é estável e irretocável. Nós as "revisamos" constantemente.
- 4-4) Falso. O desenvolvimento tecnológico, sobretudo na era moderna, atingiu também os valores culturais ligados ao universo da informação.

**02.** A tese defendida pelo autor – em torno da 'noção de tempo' que mantemos – é sustentada no Texto 1 por argumentos que se interdependem. Vejamos.

- 0-0) Gregos, romanos e outros povos, de qualquer época, perceberam o tempo conforme as condições da realidade em que viviam.
- 1-1) Todas as diferentes visões acerca do fenômeno 'tempo' ficaram isentas de qualquer conteúdo mítico: contava o que era real.
- 2-2) A ciência oferece fundamentos inquestionáveis para a definição dos conceitos, os quais adquirem, assim, o *status* irrevogável de 'exatidão'.
- 3-3) O desenvolvimento tecnológico, em ampla expansão na cultura moderna, repercutiu na percepção do conceito atual de tempo.

- 4-4) A percepção atual de um tempo extremamente acelerado é uma decorrência da quebra de limites propiciada pela microeletrônica.

Resposta: VFFVV

Justificativa:

- 0-0) Verdadeiro. Os povos, de todos os grupos, perceberam o tempo (e não só!) conforme as condições da realidade em que estavam inseridos.
- 0-0) Falso. Pode-se perceber um conteúdo mítico em algumas das diferentes visões acerca do fenômeno 'tempo': lembremos, por exemplo, a visão sustentada pelos gregos.
- 2-2) Falso. A ciência, por mais que procure fundamentos para as generalizações que faz, nunca pode ser considerada como inquestionável e irrevogável.
- 3-3) Verdadeiro. Com efeito, o conceito atual de tempo, na cultura moderna, é sensivelmente afetado pelas invenções tecnológicas: o tempo é mais rápido.
- 4-4) Verdadeiro. Os diferentes recursos técnicos nos dão a impressão de que o mundo é menor, as distâncias são mais curtas e tudo flui de forma bem mais acelerada.

**03.** A composição do Texto 1 obedeceu a alguns critérios de seqüenciação, como passamos a enumerar em seguida.

- 0-0) O primeiro parágrafo justifica o título do texto e já adianta dados explícitos sobre as especificidades interativas da vida digital.
- 1-1) Há uma seqüência histórica de informações, nos parágrafos 2, 3, 4 e 5, nos quais se traça a evolução do conceito de tempo em diferentes culturas.
- 2-2) Alusões ao conceito de tempo na época moderna restringem-se ao parágrafo 4, no qual são referidas grandes transformações científicas dessa época.
- 3-3) A vinculação entre a noção de tempo e o desenvolvimento tecnológico é o tópico do penúltimo parágrafo, que já prepara o acesso à conclusão final.
- 4-4) A noção de tempo é reiterada no último parágrafo, acrescida agora de uma alusão à intervenção direta do homem e da tecnologia.

Resposta: FVFVV

Justificativa:

- 0-0) Falso. No primeiro parágrafo o autor introduz a idéia de 'tempo' mas não adianta dados sobre as especificidades da vida digital.
- 1-1) Verdadeiro. De fato, nos parágrafos 2, 3, 4 e 5, o autor traça uma espécie de seqüência histórica relativa à evolução do conceito de tempo em diferentes culturas.
- 2-2) Falso. No parágrafo 5 também são feitas alusões ao conceito de tempo na época moderna: *uma percepção de tempo que ficou coligada ao desenvolvimento tecnológico.*
- 3-3) Verdadeiro. Na verdade, o penúltimo parágrafo se desenvolve em torno da vinculação entre a noção de tempo e os avanços da tecnologia, o que funciona como "gancho" para a conclusão

final do texto.

- 4-4) Verdadeiro. Como se diz na justificativa anterior, a noção de tempo é reiterada no último parágrafo e, quanto a isso, é feita uma referência explícita à intervenção do homem e da tecnologia.

**04.** Considerando os sentidos atualizados pelas palavras do Texto 1, podemos fazer as seguintes observações.

- 0-0) No trecho: "Dentre as muitas coisas intrigantes, poucas há tão misteriosas quanto o tempo", as duas palavras sublinhadas funcionam como sinônimos.
- 1-1) No trecho: "Ledo engano", o autor pretende caracterizar um "engano maldoso, resultante de má-fé".
- 2-2) No trecho: "Na Idade Média, prevalecia o tempo recursivo", o autor quer dizer um tempo que tende a reocorrer.
- 3-3) No trecho: "Essa foi também a época em que a ciência e a técnica se tornaram preponderantes", o termo destacado equivale a "consistentes e precisas".
- 4-4) No trecho: "O mais dramático episódio nesta saga da aceleração foi assinalado pela Revolução da microeletrônica", o autor se refere à prática das narrativas lendárias.

Resposta: VFVFV

Justificativa:

- 0-0) Verdadeiro. De fato, as palavras 'intrigantes' e 'misteriosas' funcionam, nesse contexto, como equivalentes semanticamente.
- 1-1) Falso. Por "Ledo engano" o autor pretende caracterizar um 'engano leve' ou um 'engano sem malícia', 'de boa fé'.
- 2-2) Verdadeiro. De fato, um tempo recursivo é um tempo que tende a voltar a ocorrer.
- 4-4) Falso. Algo é "preponderante" quando se destaca, quando predomina e, não, quando é "consistente ou preciso".
- 4-4) Verdadeiro. A palavra 'saga' é, de fato, adequada para caracterizar a prática das narrativas lendárias

**05.** Em um texto, aparecem marcas pelas quais se pode identificar as pretensões comunicativas do autor. No Texto 1, tais marcas têm funções claras, como se observa nos comentários a seguir.

- 0-0) Em: "Historicamente, o tempo foi percebido de formas diferentes", o termo sublinhado *delimita o âmbito de validade da afirmação.*
- 1-1) Em: "Mas o mundo moderno foi-se complicando", o autor sinaliza que vai *mudar a direção de seus argumentos.*
- 2-2) Em: "Como pertencemos a esse tempo moderno, é ele que apreendemos...", o segmento sublinhado sinaliza que o autor *está fazendo uma comparação.*

- 3-3) Em: "O que é claro, no caso da cultura moderna, é que nossa percepção de tempo ficou coligada ao desenvolvimento tecnológico", os segmentos sublinhados *dão mais ênfase à declaração feita.*
- 4-4) Em: "Tudo parece convergir para tornar as comunicações mais rápidas", o termo sublinhado *atenua o caráter contundente da afirmação.*

verdadeiro.

Resposta: VVFVV

Justificativa:

- 0-0) Verdadeiro. Com o uso do advérbio 'Historicamente', o autor delimita o espaço em que sua afirmação pode ser considerada válida.
- 1-1) Verdadeiro. O sentido do conectivo 'mas' é de oposição e, por isso, sinaliza que a direção dos argumentos apresentados vai mudar.
- 2-2) Falso. O sentido aqui atualizado pela expressão 'como' não implica comparação. Trata-se de uma relação de causalidade.
- 3-3) Verdadeiro. De fato, os segmentos sublinhados são um recurso sintático de dar mais ênfase à declaração feita.
- 4-4) Verdadeiro. Dizer que "Tudo parece convergir" é uma forma de deixar a afirmação mais branda, menos categórica.

**06.** A coesão de um texto ocorre por meio de diferentes recursos sintático-semânticos. Analise as observações feitas a seguir acerca da coesão, ou seja, da articulação entre partes do Texto 1.

- 0-0) A repetição da palavra *tempo* – que aparece do primeiro ao último parágrafo – é um sinal de que o mesmo tema se mantém ao longo do texto.
- 1-1) Palavras com sentidos afins (como tempo, relógio, eras, rápido etc.) criam uma associação semântica que promove no texto articulação e unidade.
- 2-2) Nem todos os recursos coesivos aparecem em todos os textos. Assim é que o Texto 1 é construído sem as marcas explícitas dos conectivos conjuntivos.
- 3-3) Ao longo do Texto 1, pronomes vão reiterando as referências ou predicções feitas previamente, como em: "Dentre as muitas coisas intrigantes, poucas há tão misteriosas quanto o tempo. A ironia é que mal nos damos conta disso."
- 4-4) No começo do último parágrafo, o autor opta por deixar implícita a articulação com o parágrafo anterior: de fato, não ocorrem aí formas de reiteração.

Resposta: VVFVF

Justificativa:

- 0-0) Verdadeiro. A repetição de uma palavra é reconhecida na literatura lingüística como um dos recursos pelo qual se marca a concentração temática de um texto ou de um parágrafo.
- 1-1) Verdadeiro. Palavras semanticamente afins ou associadas concorrem para promover a necessária articulação e unidade do texto.
- 2-2) Falso. Ocorrem no texto em análise vários conectivos conjuntivos, tais como: 'que', 'e', 'quando', 'como', entre outros.
- 3-3) Verdadeiro. O pronome '(d)isso' reitera ou retoma a predicção feita anteriormente: "poucas coisas há tão misteriosas quanto o tempo".
- 4-4) Falso. No começo do último parágrafo, o uso do pronome 'tudo' funciona como um

articulador, que reioitera, que retoma, que resume o que é dito anteriormente.

**07.** Analise o fragmento com que se inicia o Texto 1: "*Dentre as muitas coisas intrigantes, poucas há tão misteriosas quanto o tempo*". Acerca de sua composição sintática, podemos afirmar o que segue.

- 0-0) O verbo *haver*, nesse caso, é impessoal; a norma é, no sentido aqui atualizado, usá-lo sempre como impessoal.
- 1-1) A impessoalidade do verbo *haver* não se mantém quando se trata de uma locução verbal; portanto, a norma seria dizer-se: "*Devem haver muitas coisas intrigantes*".
- 2-2) No português do Brasil, é comum o uso do verbo 'ter' em lugar do verbo *haver*; por exemplo: "*Tem muitas coisas misteriosas no mundo*."
- 3-3) O verbo *existir* também é de uso muito freqüente, nesse contexto; sua concordância com o sujeito segue a norma-padrão prescrita na gramática.
- 4-4) Vê-se, por vezes, alguém dizer ou escrever: *Houveram coisas misteriosas*. Essa concordância é aceita pela norma-padrão, por tratar-se de uma exceção: o verbo principia o enunciado.

Resposta: VFFVV

Justificativa:

- 0-0) Verdadeiro. O verbo *haver*, no sentido de *existir*, é impessoal; a norma é, com esse sentido, usá-lo sempre como impessoal.
- 1-1) Falso. A impessoalidade do verbo *haver*, no sentido de *existir*, atinge também o verbo que funciona como seu auxiliar.
- 2-2) Verdadeiro. De fato, o uso do verbo 'ter' no lugar do verbo 'haver' é comum no português brasileiro, até mesmo em contextos formais.
- 3-3) Verdadeiro. O verbo *existir* é um verbo que recebe as flexões de pessoa e número, conforme as prescrições da norma-padrão.
- 4-4) Falso. O fato de o verbo *haver* principiar o enunciado não altera seu caráter de impessoalidade, quando usado no sentido de *existir*.

TEXTO 2

## Compro, logo existo.

Templo de culto à mercadoria, o modelo do *Shopping Center*, como o conhecemos hoje, nasceu nos Estados Unidos na década de 1950. São espaços privados, objetivamente planejados, para a supremacia da ação de comprar. O que se compra nesses centros, contudo, é muito mais do que mercadoria, serviços, alimentação e lazer. Compra-se distinção social, sensação de segurança e ilusão de felicidade e liberdade.

O *Shopping Center* é um centro de comércio que se completa com alimentação, serviços e lazer. Ali o consumidor de mercadorias se mistura com o consumidor de serviços e de diversão, sentindo-se protegido e moderno. Fugindo de aspectos negativos dos centros das cidades e da busca conjunta de soluções para eles, os *Shopping Centers* vendem a imagem de serem locais com uma melhor “qualidade de vida” por possuírem ruas cobertas, iluminadas, limpas e seguras: praças, fontes, bulevares recriados, cinemas e atrações prontas e relativamente fáceis de serem adquiridas – ao menos para os que podem pagar. É como se o “mundo de fora”, a vida real, não lhes dissesse respeito...

O que essa catedral das mercadorias pretende é criar um espaço urbano ideal, concentrando várias opções de consumo e consagrando-se como “ponto de encontro” para uma população seleta de seres “semiformados”, incompletos, que aceitam fenômenos historicamente construídos como se fizessem parte do curso da natureza. O imaginário que se impõe é o da plenitude da vida pelo consumo. Nesses espaços, podemos ocupar-nos apenas dos nossos desejos – aguçados com as inúmeras possibilidades disponíveis de aquisição. Prevalece a idéia do “compro, logo existo”.

Além disso, esse mundo de sonhos que é o *Shopping Center* acaba reforçando nas pessoas uma visão individualista da vida, onde os valores propagados são todos relacionados às necessidades e aos desejos individuais – “eu quero, eu posso, eu compro”.

(Valquíria Padilha. A sociologia vai ao *Shopping Center*. *Ciência Hoje*, maio de 2007, p. 30-35. Adaptado.)

**08.** O Texto 2, na forma mais, ou menos explícita como aborda o tema escolhido, convoca o leitor a aceitar:

- 0-0) a plenitude da vida, que é garantida pela alegria de poder “consumir”.
- 1-1) a urgência de criação de espaços urbanos ideais, a serviço da população seleta e formada.
- 2-2) os riscos subjacentes ao engodo que pode existir na ligação entre ‘comprar’ e ‘ser feliz’.
- 3-3) os valores inerentes às funções dos centros comerciais, onde sobressai o lado solidário do homem.
- 4-4) a superação do individualismo e o fortalecimento da compreensão do valor da vida solidária.

Resposta: FFVFFV

Justificativa:

- 0-0) Falso. O texto adverte explicitamente que o poder “consumir” não é garantia de plenitude de vida.
- 1-1) Falso. O Texto não afirma a urgência da criação de espaços urbanos ideais. Chega a dizer apenas que os *Shoppings Centers* parecem ser “espaços ideais”.
- 2-2) Verdadeiro. A autora adverte para a concepção ingênua de que o ato de ‘comprar’ assegura o estado de ‘ser feliz’.
- 3-3) Falso. Pelo contrário, a autora chama a atenção para o fato de que os ‘centros comerciais’ instigam o individualismo.
- 4-4) Verdadeiro. A autora nos convoca para a superação do individualismo e para o fortalecimento da solidariedade.

**09.** O principal equívoco para o qual a autora do Texto 2 nos alerta é aquele de que:

- 0-0) a realização do indivíduo existe na medida em que ele exercita seu poder de compra.
- 1-1) os *shopping centers* não oferecem total garantia de segurança pessoal.
- 2-2) a plenitude da vida é alcançada pelo acesso ao grande consumo.
- 3-3) os *shopping centers*, essa catedral das mercadorias, não concentram, de fato, várias opções de consumo.
- 4-4) nem sempre ocorre aos *shopping centers* uma população seleta de consumidores.

Resposta: VFVFF

Justificativa:

- 0-0) Verdadeiro. A autora aponta exatamente a ilusão de alguns que põem no poder de compra sua possibilidade realização pessoal.
- 1-1) Falso. Se os *shopping centers* não oferecem total garantia de segurança pessoal, isso não representa um ‘equívoco’ focalizado pela autora.
- 2-2) Verdadeiro. De fato, é equívoco pensar que a plenitude da vida é alcançada pelo poder de consumir.
- 3-3) Falso. O que é afirmado nessa opção não constitui objeto de advertência da autora.
- 4-4) Falso. O fato de nem sempre ocorrer aos *shopping centers* uma população seleta de consumidores não constitui o equívoco para o qual a autora nos adverte.

**10.** A referência a *Shopping Centers* foi realizada no Texto 2 por meio de expressões como:

- 0-0) “Templo de culto à mercadoria” (parágrafo 1).
- 1-1) “essa catedral das mercadorias” (parágrafo 3).
- 2-2) “O imaginário que se impõe” (parágrafo 3).
- 3-3) “Nesses espaços” (parágrafo 3).
- 4-4) “esse mundo de sonhos” (parágrafo 4).

Resposta: VVFVV

Justificativa:

De fato, a referência a *Shopping Centers* é retomada no texto por 0-0), “Templo de culto à mercadoria”; 1-1) “essa catedral das mercadorias”; 3-3) “Nesses espaços”; 4-4) “esse mundo de sonhos”. Logo:

0-0) Verdadeiro.

1-1) Verdadeiro.

2-2) Falso. O segmento “O imaginário que se impõe” não retoma a referência a *Shopping Centers*.

3-3) Verdadeiro.

4-4) Verdadeiro.

**11.** A indicação, já no primeiro parágrafo, de que o tema abordado vai tomar uma direção oposta é dada por expressões ou termos como:

0-0) *espaços privados*.

1-1) como o conhecemos hoje.

2-2) *contudo*.

3-3) *objetivamente planejados*.

4-4) *ação de comprar*.

Resposta: FFVFF

Justificativa:

O único segmento que implica um sentido contrário e que pode, portanto, sinalizar que a argumentação vai tomar um sentido contrário é ‘contudo’. Logo:

0-0) Falso.

1-1) Falso.

2-2) Verdadeiro.

3-3) Falso.

4-4) Falso.

**12.** Analisando aspectos lingüísticos de palavras e outros segmentos presentes no Texto 2, observamos que:

0-0) o título do texto corresponde a uma conclusão, formulada em termos claros e precisos.

1-1) metáforas usadas no texto atestam uma percepção dos *Shopping Centers* como algo profano e alheio ao mundo religioso.

2-2) os termos ‘bulevares’ e ‘*Shopping Center*’ caracterizam casos de empréstimo lingüístico, fenômeno que decorre do contato entre línguas diferentes.

3-3) a opção por períodos curtos – que prevalece em todo o texto – sugere que se trata de um gênero expositivo e informal.

4-4) a reiteração do pronome ‘eu’ na última linha do texto tem um valor enfático e confere ao enunciado um tom mais contundente.

Resposta: VFVFV

Justificativa:

0-0) Verdadeiro. “Compro, logo existo” implica uma conclusão, formulada com clareza. O conectivo ‘logo’ é, nesse caso, um marcador explícito.

1-1) Falso. Os *Shopping Centers* são metaforicamente referidos no texto como ‘templos’ e ‘catedrais’.

2-2) Verdadeiro. De fato, os termos ‘bulevares’ e ‘*Shopping Center*’, como tantos outros, são exemplos de ‘*empréstimo lingüístico*’, um fato previsível quando acontece o contato entre línguas diferentes.

3-3) Falso. Nem predomina no texto a opção por períodos curtos nem se trata de um gênero expositivo e informal.

4-4) Verdadeiro. De fato a repetição do pronome ‘eu’ na última linha do texto é um recurso de ênfase e torna o enunciado mais contundente e categórico.

**13.** A posição do advérbio no enunciado é significativa. Mudá-la pode alterar o sentido pretendido. Assim, podemos dizer que as mudanças feitas na posição do advérbio alteraram o sentido dos trechos nas seguintes proposições:

0-0) “São espaços privados, objetivamente planejados, para a supremacia da ação de comprar.”; *São espaços privados, planejados, para a supremacia da ação de comprar objetivamente.*

1-1) “o modelo do *Shopping Center*, como o conhecemos hoje, nasceu nos Estados Unidos na década de 1950.”; *o modelo do *Shopping Center*, como hoje o conhecemos, nasceu nos Estados Unidos na década de 1950.*

2-2) “seres (...) que aceitam fenômenos historicamente construídos”; *seres (...) que aceitam historicamente fenômenos construídos.*

3-3) “Nesses espaços, podemos ocupar-nos apenas dos nossos desejos”; *Apenas nesses espaços, podemos ocupar-nos dos nossos desejos.*

4-4) “Nesses espaços, podemos ocupar-nos apenas dos nossos desejos”; *Nesses espaços, podemos ocupar-nos dos nossos desejos apenas.*

Resposta: VFVVF

Justificativa:

- 0-0) Verdadeiro. Houve alteração no sentido do enunciado: aqui o advérbio incide sobre o escopo de 'comprar' (*comprar objetivamente*).
- 1-1) Falso. Não houve alteração de sentido: o advérbio se situa no mesmo âmbito.
- 2-2) Verdadeiro. Houve alteração: uma coisa são "fenômenos historicamente construídos", outra, "aceitar historicamente algo".
- 3-3) Verdadeiro. É clara a alteração: de "ocupar-nos apenas dos nossos desejos" para "apenas nesses espaços".
- 4-4) Falso. Não há alteração. O escopo do advérbio continua o mesmo.

14. Observe o trecho: "os Shopping Centers vendem a imagem de serem locais com uma melhor "qualidade de vida" por possuírem ruas cobertas, iluminadas, limpas e seguras: praças, fontes, bulevares recriados, cinemas e atrações prontas e relativamente fáceis de serem adquiridas – ao menos para os que podem pagar". Analise os comentários acerca da função de alguns de seus itens ou fragmentos.

- 0-0) O uso das aspas em "qualidade de vida" indica que se trata de uma expressão de outro autor.
- 1-1) Grande parte do trecho é constituída por uma enumeração; daí o uso de tantas vírgulas.
- 2-2) Em: "os Shopping Centers vendem a imagem", a palavra sublinhada tem um sentido metafórico.
- 3-3) O caráter apelativo desse trecho propiciou o uso de verbos no presente do indicativo.
- 4-4) Em: "ao menos para os que podem pagar", é feita uma ressalva; a expressão "ao menos" sinaliza isso.

Resposta: FVVFV

Justificativa:

- 0-0) Falso. Não se trata de uma citação. O uso das aspas em "qualidade de vida" sinaliza para uma duplicidade de sentido que o autor tem em vista.
- 1-1) Verdadeiro. É clara a série de itens enumerados e, por isso, o uso das vírgulas (separam termos coordenados).
- 2-2) Verdadeiro. O sentido da palavra 'vender', nesse contexto, é claramente figurado, imagético.
- 3-3) Falso. Esse trecho não tem um caráter apelativo. Tampouco, o presente do indicativo seria a opção a predominar em um texto apelativo.
- 4-4) Verdadeiro. É claro o sentido de 'ressalva' expresso nesse contexto pela expressão "ao menos".

## Eu etiqueta

Em minha calça está grudado um nome  
Que não é meu de batismo ou de cartório  
Um nome ... estranho  
Meu blusão traz lembrete de bebida  
Que jamais pus na boca, nessa vida,  
Em minha camiseta, há marca de cigarro  
Que não fumo, até hoje não fumei.  
Minhas meias falam de produtos  
Que nunca experimentei  
Mas são comunicados a meus pés.  
Meu tênis é proclama colorido  
De alguma coisa não provada  
Por este provador de longa idade.  
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,  
Minha gravata e cinto e escova e pente,  
Meu copo, minha xícara, minha toalha de banho e  
sabonete,  
Meu isso, meu aquilo.  
Desde a cabeça ao bico dos sapatos,  
São mensagens,  
Letras falantes,  
Gritos visuais,  
Ordens de uso, abuso, reincidências.  
Costume, hábito, premência, indispensabilidade,  
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,  
Escravo da matéria anunciada.  
(...)  
Peço que meu nome retifiquem.  
Já não me convém o título de homem.  
Meu nome é coisa.  
Eu sou a Coisa, coisamente.

(Carlos Drummond de Andrade)

15. O tema que serve de objeto para a reflexão de Drummond, no poema transcrito acima, relaciona-se com a questão levantada no Texto 2, pois:

- 0-0) mostra o fascínio exercido pela fantasia e miragem do consumo.
- 1-1) adverte contra o perigo da alienação que ronda as facilidades do consumo.
- 2-2) destaca a força que os aparelhos publicitários exercem sobre o indivíduo.
- 3-3) exalta a funcionalidade dos rótulos em locais de grande movimentação de negócios.
- 4-4) enaltece a condição do homem livre e senhor de suas decisões.

Resposta: VVVFV

Justificativa:

- 0-0) Verdadeiro. O poema, embora de forma um tanto sutil, critica o endeusamento do consumo.
- 1-1) Verdadeiro. Também sutilmente, o autor refere “a coisificação” do homem, provocada pela “etiquetagem publicitária”, que corresponde exatamente a esse processo de alienação.
- 2-2) Verdadeiro. De fato, o autor enfatiza o poder que a “etiqueta” (em sentido bem amplo) tem sobre a identidade dos indivíduos.
- 3-3) Falso. Em nenhum segmento o poema ressalta a funcionalidade dos rótulos, onde quer que seja.
- 4-4) Verdadeiro. Está implícita no texto a idéia de que o homem não deve abrir mão de sua condição de ser livre e senhor de suas decisões.

**16.** O poema de Drummond apresenta particularidades lingüísticas que merecem ser destacadas.

- 0-0) O fragmento transcrito se confunde com um depoimento ou uma confissão pessoal.
- 1-1) O uso reiterado da primeira pessoa do singular assume no poema um caráter individualizante.
- 2-2) Os objetos detalhadamente mencionados reforçam a idéia de que nada escapa aos interesses da publicidade.
- 3-3) A palavra ‘etiqueta’, que consta no título, já antecipa a idéia central do poema: vestimo-nos, movemo-nos como anunciantes.
- 4-4) Os dois últimos versos dão um tom categórico à sua conclusão: o homem está convertido em objeto de venda.

Resposta: VVVVV

Justificativa:

- 0-0) Verdadeiro. O autor fala de sua própria experiência de “ser etiqueta”.
- 1-1) Verdadeiro. De fato, o uso reiterado da primeira pessoa atesta esse tom de depoimento pessoal do poema.
- 2-2) Verdadeiro: Cada item mencionado reforça a idéia de que somos convertidos em amostras de “tudo” que pode ser vendido.
- 3-3) Verdadeiro: Na verdade, a palavra ‘etiqueta’ expressa o sentido maior do poema e a crítica a esse uso do homem como “placa” de anúncio.
- 4-4) Verdadeiro. As funções morfossintáticas diferentes para o nome ‘coisa’ atestam essa desumanização da condição maior do homem livre e autônomo.